

Docente da ESEC em reunião científica em Casamança

●●● Natália Pires, docente na Escola Superior de Educação de Coimbra, foi a única convidada que viajou expressamente de Portugal para participar num colóquio sobre a herança lusófona em Casamança, que decorreu no Senegal.

O encontro científico, organizado pela Universidade de Ziguinchor, foi coordenado por Eugène Tavares, diretor da Unidade de Artes e Letras daquela Universidade.

Segundo Tavares, os apelidos de habitantes de Ziguinchor testemunham a presença da cultura portuguesa no coração de Casamança, região sul do Senegal.

Eles são Carvalho, Mendes ou Gomes, entre outros, alguns transformados "em Mendy ou Gomis", explicou.

Casamança foi cedida a França em 1886, após 241 anos de presença portuguesa que depois recuou as fronteiras e se ficou pela Guiné-Bissau, a sul, mas os apelidos são apenas um dos sinais da cultura que ainda hoje existe e que se tenta preservar.

"Os portugueses deixaram aqui um património que devemos valorizar"



Portugal esteve 241 anos em Casamança, território entre a Guiné-Bissau e a Gâmbia, hoje senegalense

uma vez que continua a ser "desconhecido pela população de Ziguinchor e do Senegal", disse Eugène Tavares à Lusa.

A herança lusófona é uma das suas paixões e levou-o a presidir à organização de um colóquio de três dias, que terminou na sexta-feira, sobre a presença lusófona em Casamança.

O Senegal "é o único país francófono que tem um crioulo de base lexical portuguesa", porque embora Casamança tenha sido entregue aos franceses, os luso-africanos cujos laços se estendem

a Cacheu, Bissau e Bolama, mantiveram-no vivo, até hoje.

Da mesma forma há edifícios com arquitetura portuguesa, gastronomia (como os caldos, semelhantes aos da Guiné-Bissau), trajes, usos e costumes que descendem da tradição portuguesa e que se mantiveram como sinais identitários apesar das mudanças políticas.

"Parece-me que o nosso país não tem consciência desta grande riqueza", lamentou Eugène Tavares, que encara o colóquio como "um primeiro passo".

"Queremos continuar este trabalho de pesquisa", porque "a partir do momento em que vamos identificar este património, é uma parte da nossa memória que vamos descobrir".

Para Leopoldo Amado, diretor-geral do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) da Guiné-Bissau e um dos oradores, África é feita de diferentes linhas históricas que se cruzam e a colonização portuguesa é uma dessas linhas – por mais desagradável que seja recordar o comércio de escravos, por exemplo.